

Já terá começado a Terceira Guerra Mundial?

Os nossos investigadores descobriram vários factos recentes sobre os perigos tremendos que, no Médio Oriente, poderiam levar o mundo inteiro à Terceira Guerra Mundial.

Parece que a imprensa diária e os programas noticiosos e os canais de TV mais importantes não estão a dar importância suficiente a estes perigosos desenvolvimentos. E, como resultado, o público está cego a esses perigos.

A actual guerra que vemos crescer no Médio Oriente entre adversários locais, ambos apoiados por potências mundiais opostas, realça o aviso feito por Nossa Senhora: é impossível haver paz no mundo sem a Consagração da Rússia.

por James Hanisch

Ao aparecer à Irmã Lúcia em Maio de 1952 (quando a Guerra da Coreia estava no auge, menos de uma década após o fim da Segunda Guerra Mundial), Nossa Senhora disse: “Participa ao Santo Padre que ainda estou à espera da Consagração da Rússia ao Meu Imaculado Coração. *Sem essa Consagração, nem a Rússia se poderá converter nem o mundo terá paz.*”

De 1952 a 2013: guerras e mais guerras

Os factos vieram demonstrar que a profecia de Nossa Senhora demonstrou ser verdadeira, evidentemente. Passaram agora mais de 60 anos desde que a Senhora pronunciou estas palavras graves, tempo este durante o qual o mundo não teve um só momento de paz. Tensões políticas e militares de diversos graus, se não guerra aberta, têm sido parte do panorama da vida de toda a gente no mundo durante todos estes anos. A expansão comunista (qualquer que fosse o nome que utilizava) chamou a si um país após outro, sujeitando as suas infelizes vítimas aos horrores assassinos de um totalitarismo demoníaco, enquanto a ameaça omnipresente de uma “destruição mútua garantida” tem sido uma possibilidade familiar da vida para todos nós.

A história do último meio século é um catálogo trágico de cerca de mil sangrentos conflitos armados – Coreia, Vietname, Timor-Leste, Kuwait, Somália, Bósnia, Kosovo, Afeganistão e Iraque, para referir apenas alguns. E no momento presente (segundo fontes do Pentágono) só as forças militares dos Estados Unidos estão envolvidas, em variados graus, em dúzias de guerras espalhadas pelos cinco continentes, incluindo os conflitos em 20 países na região do Médio Oriente e em 54 países africanos.

As estratégias humanas não bastam

Assim, as lições óbvias da História recente sublinham as palavras da Virgem Santíssima: Só Ela nos poderá valer! Nenhuma das estratégias ou iniciativas que sejam

só humanas tem qualquer hipótese de fazer o que Nossa Senhora nos disse ser impossível sem a Divina Providência.

Os males horríveis das décadas passadas deveriam fazer-nos recuar, em pensamento, até aquilo que Nossa Senhora de Fátima disse aos três pastorinhos, no dia 13 de Julho de 1917. A Primeira Guerra Mundial iria acabar, explicou a Senhora, mas Deus iria punir de novo o mundo pelos seus crimes, por meio da guerra, fome, e perseguições à Igreja e ao Santo Padre.

Por outras palavras, a causa de todos estes horrores e sofrimento – não apenas os da Segunda Guerra Mundial, mas também os do seu rescaldo, sempre mutável e sangrento, até aos nossos dias – é o pecado. Os males horríveis da guerra são permitidos pelo Céu como castigo pelo pecado. Nosso Senhor em Pessoa revelou ao Père Lamy, um sacerdote místico, que a verdade subjacente às causas da Primeira Guerra Mundial eram as blasfémias, a profanação do casamento, e o facto de se trabalhar ao Domingo. Também Nossa Senhora de Fátima deixou não menos claro que os subsequentes flagelos que se espalharam sobre a terra são como um castigo do Céu, e poderiam ter sido evitados se os homens “deixassem de ofender a Deus.”

Vemos também, nas palavras de Nossa Senhora, que o remédio para todas as guerras que actualmente estão activas pelo fundo fora, e até para as situações piores que ameaçam tornar-se ainda mais graves, é a **reparação e a devoção ao Imaculado Coração de Maria**. Depois de ter descrito os castigos que o mundo merece e que Deus em breve nos infligirá, Nossa Senhora continua, dizendo:

“Para o impedir, virei pedir a Consagração da Rússia a Meu Imaculado Coração e a Comunhão reparadora nos Primeiros Sábados. Se atenderem a Meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz; se não, espalhará os seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas.”

Mensagem de Fátima – Mais relevante do que nunca!

Finalmente, já se tornou claro para muitos que este ciclo de “guerra sem fim,” a que grande parte do mundo se tem acostumado, não pode continuar assim indefinidamente. De facto, como cada vez mais pessoas têm começado a compreender, nós estamos a aproximar-nos muito da conclusão horrível de toda esta loucura dos últimos 60 anos, no seguimento do aviso de Nossa Senhora.

Quase 100 anos após a Senhora ter predito que: “várias nações serão aniquiladas”, nós já não temos qualquer dificuldade em imaginar o cumprimento das Suas terríveis palavras.

Pior: as grandes potências mundiais estão a alinhar-se devido às tensões crescentes no Médio Oriente, de um modo tal que, a qualquer momento, poderão precipitar uma Terceira Guerra Mundial. O mundo está, pois, preparado para testemunhar o último acto deste drama, em que o poder comunista e o da Maçonaria do Ocidente atingem o seu objectivo confesso de subjugar a terra inteira e dela eliminarem (se tal fosse possível) todo e qualquer vestígio do Cristianismo.



O sistema de mísseis anti-aéreos S-300 na Parada da Vitória, na Praça Vermelha, Moscovo, em 9 de Maio de 2009.

O que está a acontecer no Médio Oriente?

Qual é a situação no Médio Oriente? As hostilidades na Síria (que já causaram pelo menos 1 milhão e meio de refugiados e 80 mil mortos) ameaçam sofrer um crescendo até atingirem uma escala mundial. A guerra entre facções muçulmanas na Síria levou a um frente-a-frente das potências mundiais opostas, cada uma delas evidenciando uma vontade cada vez maior de intervir, para assegurar uma vantagem final para os seus interesses conforme aquilo em que o combate der.

O governo sírio é um regime xiita alawita que, desde 1971, tem sido encabeçado pelo Presidente Bashar al-Assad. Esta seita alawita, uma elite governante, é uma derivação da facção muçulmana xiita que apareceu já mil anos e está agora a opor-se na Síria à maioria sunita da população muçulmana, ameaçada pelo mesmo destino que aconteceu nos estados vizinhos da Síria, o Líbano e o Iraque (ambos dilacerados em décadas recentes pelas suas guerras civis).

As manifestações contra o Presidente Assad, que começaram a 15 de Março de 2011 (parte do “movimento de protesto” mais amplo pelo Médio Oriente conhecido nos E.U.A. como a Primavera Árabe), evoluiu, num espaço de poucos meses, para uma insurreição armada à escala nacional, com a Fraternidade Islâmica sunita a tentar derrubar o regime alawita. Para o fim de 2012, o Hezbollah (um grupo militar e partido político xiita com base no Líbano) associou-se ao Exército sírio em defesa do regime de Assad, que é também apoiado pela Rússia e pelo Irão, enquanto os revoltosos foram ajudados com armas pela Arábia Saudita e o Qatar, e com direito de asilo pela Turquia.

Além do enorme número de mortos (metade dos quais eram civis) e de refugiados, calcula-se que 4 milhões de sírios foram levados a deixar as suas terras no país dilacerado pela guerra.

Rússia, Israel e os Estados Unidos

Os interesses estratégicos da Rússia baseiam-se no facto de que o Irão e a Síria de Assad são os seus últimos aliados poderosos na região. Além disso, a marinha russa depende fortemente do acesso aos portos sírios do Mediterrâneo.

Por outro lado, tanto Israel como a Jordânia, a França, a Alemanha, o Reino Unido e os Estados Unidos parecem actuar segundo interesses contrários, possivelmente considerando que a eliminação do regime de Assad abriria o caminho a uma mudança de regime no Irão e levaria à reorganização final da região sob o domínio dos países ocidentais, de colaboração com Israel.

Isto explicaria por que razão os países ocidentais e Israel dão apoio “por detrás dos bastidores” ao que é, em grande parte, uma insurreição saturada pela Al Qaeda de mercenários estrangeiros que fingem ser combatentes pela liberdade.

E.U.A. e Rússia fornecem armas

O envolvimento dos Estados Unidos tem sido até agora ostensivamente limitado à participação em negociações de paz e à prestação de auxílio alimentar e médico aos revoltosos. Porém, o Senador John McCain (que fez uma recente visita à Síria), pronunciou-se também a favor do fornecimento de armas, e o Senador Lindsey Graham favorece abertamente um envolvimento directo das forças armadas americanas.

Porém, crê-se geralmente que a administração de Obama já tem estado a fornecer ocultamente armas aos revoltosos. A delegação da Síria à conferência da ONU sobre o Tratado global de Comércio de Armas, realizada em Março de 2013, fez queixa de uma torrente de armas ilegais que entram naquela nação, e acusou as potências ocidentais e os seus serviços secretos de armar os mercenários que tentam derrubar o governo da Síria, ao mesmo tempo que enganam o mundo com afirmações de que as tropas de Assad estavam a atacar cidadãos sírios.

A Rússia de Putin tem uma longa história de fornecer a Assad as armas de que ele precisava para combater nas suas guerras e acabar com as rebeliões; e, no presente conflito, a Rússia tem fornecido ao exército sírio helicópteros de ataque desde o princípio. O fornecimento continuado dos mísseis Iskandar, à prova de intercepção, e o sofisticado sistema de defesa aérea S-300, capaz de apontar até 100 aviões ou mísseis de cruzeiro ou balísticos, é um assunto mais vasto.

Gás Sarin

Outra “mudança no jogo” (como diz o Presidente Obama) que precipitaria “enormes consequências” da parte de Washington contra o Governo da Síria seria o uso pelo Exército deste de armas químicas contra os revoltosos – uma “linha vermelha” – declarou Obama – que Assad não deve ousar atravessar. Pouco depois de tal declaração ter sido feita, um relatório, aparentemente falsificado, sobre o exército sírio ter

empregado gás venenoso ocasionou um clamor que Obama aproveitou para a sua ameaça de enviar tropas americanas.

O relatório foi apoiado por dois Ministros israelitas, que disseram ter provas credíveis do uso de gás Sarin pela Síria, e a Casa Branca comunicou secamente ao Congresso: “A nossa comunidade de informações indica, com diversos graus de confiança, que o regime sírio usou armas químicas em pequena escala na Síria, especificamente o agente químico Sarin.” A Rússia, porém, não perdeu tempo a descredibilizar o relatório.

Uma comissão das Nações Unidas não encontrou provas em como o exército sírio tivesse usado armas químicas. Mas, segundo Carla Del Ponte, membro da Comissão, “Os nossos investigadores estiveram em países vizinhos a entrevistar vítimas, médicos e hospitais de campanha... [H]á suspeitas fortes e concretas, mas ainda não provas incontrovertidas, do uso de gás Sarin, segundo a maneira como as vítimas foram tratadas. *Isto foi usado por parte da oposição, dos rebeldes.*”

É inquietante saber por quão pouco escapámos de um agravamento da situação através deste estratagema.

Participação de Israel no conflito

Embora as sondagens indiquem um reduzido apoio popular americano ao envolvimento dos Estados Unidos noutra guerra no Médio Oriente, o receio de que a actual política externa dos E.U.A. leve inexoravelmente a uma invasão da Síria – e do Irão – parece ser bem fundamentada. Como diz J. William Fulbright, falando como Presidente da Comissão de Relações Exteriores em 1973, “Israel controla o Senado. Nós devíamos preocupar-nos mais com os interesses dos Estados Unidos’.”

Infelizmente, a mesma Comissão de Relações Exteriores do Senado americano aprovou em meados de Abril de 2013 uma medida, congeminação pelo notório grupo de pressão israelita AIPAC (Comissão Americana de Assuntos Públicos de Israel), a oferecer apoio militar dos E.U.A. a Israel se este último fosse “obrigado” a entrar em acção contra o Irão. Esta medida, conhecida como Resolução Conjunta do Senado 65 (SR65), declara que a política americana já não se limita a evitar que o Irão obtenha armas nucleares, mas também a “evitar que o Irão obtenha uma *capacidade* de armas nucleares.” Mas como o Irão já possui essa capacidade (embora precise de pelo menos um ano para a tornar realidade), e embora o Irão não tenha um programa de armas nucleares, o que é confirmado por todas as 16 agências de informações dos E.U.A., os críticos receiam que esta medida seja, na prática, uma declaração de guerra preventiva, autorizando Washington a atacar o Irão a qualquer momento, dando ao mesmo tempo um cheque em branco a Israel, autorizando-o a fazer o mesmo.

Além da SR 65, há a Resolução da Câmara de Representantes 850, que pede um agravamento das sanções contra o Irão, de modo a agravar o efeito esmagador das anteriores sanções comerciais. Receia-se que o impacto destas novas sanções (especialmente sobre as famílias iranianas inocentes, já diminuídas por carestias e subidas de preços) enfureça e humilhe tanto o Irão que tenha como resultado a suspensão das negociações nucleares. Seguir-se-iam imediatamente hostilidades militares, porque já foram postas de parte quaisquer medidas alternativas. A política

ocidental de contenção e dissuasão foi abandonada com a aprovação da SR 65, e a autorização para ataques aéreos e uma invasão [se o Irão não aceitar todas as exigências de Israel (embora Israel tenha bombas nucleares) nas negociações nucleares] já está prevista.

Uma guerra grande prestes a começar

Entretanto, a situação na Síria está cada vez mais grave. A agência noticiosa síria relatou o afundamento de um submarino israelita (de fabrico alemão e muito moderno) em águas sírias pela Marinha síria cerca das 2:30 da manhã de 2 de Maio. (Um navio de apoio alemão, que se supõe que estaria a actuar associado ao submarino israelita, foi também interceptado e forçado a deixar as águas territoriais sírias.) Seguiu-se, em 5 de Maio, um bombardeamento de represália por parte de Israel de munições e alimentos armazenados (em que foram usados mísseis anti-fortificações que se pensava não estarem acessíveis aos israelitas). Isto fez levantar questões perturbadoras sobre a possibilidade de haver uma infiltração nos assuntos vitais de segurança dos E.U.A., e também a de Israel ter utilizado uma arma nuclear táctica contra a Síria.

(O periódico de assuntos militares e de política externa *Veterans Today* [publicado nos E.U.A.] colocou no seu *site* da Internet um vídeo desta explosão, em que analistas notaram a típica nuvem de cogumelo e a taxa de expansão característicos de uma explosão nuclear.)

A este ataque a 5 de Maio – com uma aparente explosão de um engenho nuclear – respondeu a declaração de Vladimir Putin em como a Rússia iria renovar o fornecimento de mísseis S-300 à Síria. Entretanto, a Frota russa do Pacífico transferiu-se para posições de apoio dentro do Mar Mediterrâneo, enquanto que milhares de tropas russas foram colocadas em prevenção operacional acrescentada para uma Guerra Regional, e levadas para posições de onde podiam entrar na zona de guerra síria “num espaço de horas.” Consta que estas tropas estão “totalmente preparadas” para entrarem de prevenção para uma Guerra em Grande Escala, no caso de os E.U.A. ou a União Europeia entrarem no conflito. Pior ainda: já foram enviadas para a zona de guerra tropas russas do Serviço de Informações Exteriores (SVR), incluindo unidades Zaslou de Forças Especiais, para o caso de o conflito se alargar.

Um oficial israelita de alta patente deu a sua opinião ao Serviço Noticioso de Informações Debka File numa entrevista de 29 de Maio: “Está a preparar-se na Síria uma catástrofe militar e estratégica para o Ocidente e para Israel, e ninguém levanta um dedo, em Washington ou em Jerusalém [para evitar um maior alastramento das hostilidades]. O Governo e as chefias militares de Israel nunca tinham imaginado que a guerra na Síria desse esta volta. Mas temos que acordar à décima primeira hora – antes que seja tarde demais.”

Todos precisamos de acordar - já!

De facto, devemos todos perguntar a nós próprios, com realismo, para onde estes acontecimentos nos estão a levar. Muita gente não tem dificuldade em compreender que, se Israel conseguir envolver os Estados Unidos nesta guerra, a Rússia não tardará

em entrar com toda a sua força para ajudar a Síria. Mas para os que estão abertos à verdade, também devia ser evidente, da mesma maneira, que Nossa Senhora de Fátima já respondeu à pergunta sobre qual será o resultado final da agitação no mundo. A menos que os pedidos de Nossa Senhora sejam atendidos a tempo de evitar os terríveis castigos que merecemos, todo o mundo cairá na dominação mais dolorosa e completa do alastramento dos erros da Rússia.

Aconteça isto na forma do Comunismo ou de um totalitarismo, igualmente diabólico, da Maçonaria ocidental, o resultado final será a escravidão de toda a humanidade a um regime luciferiano mundial, consistindo num Governo mundial e numa Religião mundial – a religião maçónica, pagã e diabólica – impostos à força.

Será melhor pensarmos já nas nossas almas, no pouco tempo que nos resta, porque uma Terceira Guerra Mundial, que se espalhará depressa e será uma catástrofe impossível de imaginar, não dará ensejo a contemplação – ou a acção – quando estiver sobre nós.

Só temos uma esperança de paz. Só temos uma esperança para escaparmos à escravatura às mãos assassinas do regime anti-cristão que o demónio e os seus seguidores maçónicos têm planeado para nós desde há quase 300 anos. Viu-se uma amostra do vasto Estado-prisão que eles planeiam para todo o mundo no reinado do Terror na Revolução Francesa, assim como no regime comunista da antiga União Soviética, e ainda hoje se vê na política de apenas um filho por família, imposto na China comunista.

A nossa ÚNICA e SUPREMA esperança é a Consagração da Rússia ao Imaculado Coração de Maria. Mas o nosso tempo está a esgotar-se.

Deus autenticou a Mensagem de Fátima com um estupendo milagre público, anunciado com três meses de antecedência, “que todos hão-de ver, para acreditar”, como disse Nossa Senhora. Temos, portanto, a obrigação de acreditar e de obedecer à Sua Mensagem – de atender ao pedido de Nossa Senhora para a Consagração da Rússia, feita pelo Papa em união com todos os Bispos do mundo. “Sem essa Consagração, nem a Rússia pode converter-se nem o mundo terá paz.”